

MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO: ENSAIO ACERCA DO MÉTODO DE ABORDAGEM MARXISTA E SUA INFLUÊNCIA NO PENSAMENTO DE GEORGE BENKO E MILTON SANTOS.

Victor da Silva Oliveira

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
victorsoliveira@hotmail.com

Arlindo Teixeira de Oliveira

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
arlindo.escobar@gmail.com

Resumo

O método de abordagem introduzido por Karl Marx, apresentou uma forma impar de análise da realidade, a partir da consideração da história e dos processos de produção, assim como a superação das aparências. Diversos pesquisadores fazem uso desta metodologia em suas análises. Dentro da ciência geográfica dois entre muitos podem ser mencionados, Milton Santos e George Benko. Diante disso, neste trabalho objetivou apresentar o método de abordagem marxista, sua conotação materialista no que tange a história e a dialética, além disso, uma breve análise de como esta perspectiva apresenta-se na ciência geográfica, utilizando o pensamento de Benko e Santos, entre outros autores que dialogam com os mesmos e a temática. Para tal, elaborou-se uma pesquisa bibliográfica para fundamentar a discussão proposta, da mesma forma que buscou-se exemplos nas próprias obras e fora destas para mensurar as ideias apresentadas. Desta pesquisa concluiu-se que não apenas a nível econômico e social Marx contribuiu, mas também metodológico, pois com sua pesquisa a conotação histórica e material da sociedade fica latente na explicação de fenômenos. Para a ciência geográfica, não apenas influi nas pesquisas dos autores analisados e na consideração da sociedade e a dialética entre escalas e agentes, como norteia grande parte das pesquisas desta ciência.

Palavras-Chave: marxismo, materialismo histórico e dialético, geografia.

Introdução

O materialismo histórico, método de abordagem originário no pensamento de Karl Marx, oferece uma forma impar de análise da realidade a partir de pressupostos baseados nas relações históricas e nos meios produtivos que interferem diretamente, segundo o autor, na sociedade e como esta evolui.

O presente artigo tem o objetivo de apresentar o método de abordagem difundido a partir dos clássicos de Karl Marx, o materialismo histórico e dialético, o qual apresenta uma forma particular de análise da realidade. Também é explorada a forma que esta metodologia influi no pensamento de dois grandes pensadores da ciência geográfica: George Benko e Milton Santos. Para a realização do mesmo foi proposta uma revisão bibliográfica em obras clássica dos três autores em questão, enfatizando o ordenamento das pesquisas e situando através de exemplos dos próprios pesquisadores, assim como outros da dinâmica social e econômica atual. Fez-se uso também de leituras complementares em outros autores que não apenas utilizam-se do método de abordagem em questão – seja a dialética (em Furtado, por exemplo), ou a dialética marxista – como dialogam com as temáticas trazidas por Santos e Benko.

Na primeira parte da revisão teórica buscou-se apresentar uma discussão acerca do capítulo primeiro do volume um de ‘O Capital’ - apontada como principal obra do autor -, capítulo intitulado ‘A mercadoria’ e fez-se referência a importância da superação das aparências para compreender a realidade material. Após apresentou-se pontos relevantes sobre o materialismo e a perspectiva

histórica de Marx, as quais são a essência metodologia por trás de sua discussão entorno do sistema capitalista. Por fim uma abordagem quanto a alguns textos de Benko e Santos que apresentam pontos que caracterizam a utilização de preceitos marxistas em suas respeitáveis bibliografias.

Revisão Teórica

A obra de Karl Marx (1818 – 1883) norteia pesquisas desde a publicação de seus primeiros clássicos, escrevendo sobre o sistema econômico capitalista e suas repercussões, como na luta de classes. Além desta marcante contribuição no campo da economia política, a forma de pensamento do autor contribuiu acrescentando um método de abordagem usado em diversas ciências – apesar de não escrever propriamente sobre metodologia - o materialismo histórico.

A mercadoria e a superação das aparências

Para a contextualização do método de abordagem marxista fez-se uso do clássico “O Capital” – Marx (2006). Neste livro, publicado em 1867, busca fazer uma crítica ao capitalismo e é considerado um marco no pensamento socialista e político como um todo. Desta maneira, o capítulo primeiro do volume um da publicação servirá como ponto inicial.

O capítulo em questão refere-se à mercadoria. Marx escolhe este tema para o princípio de seu principal texto não por acaso, pois segundo ele “a riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em ‘imensa acumulação de mercadorias’, e a mercadoria, isoladamente considerada, é a forma elementar dessa riqueza” (p. 57), ou seja, a mercadoria é um elemento do sistema capitalista determinado socialmente, é a principal aparência.

Determinar as aparências é sem dúvida importante dentro da concepção do autor para iniciar uma investigação. Contudo, estas não são essenciais, ‘apenas’ são reflexos de algo que deve ser explicitado, assim, nenhum destes reflexos é falso – podem não serem relevantes -, são verdadeiros, porém parciais, insuficientes para explicar um fenômeno – no caso de O Capital, a mercadoria é um elemento importante, verdadeiro, mas insuficiente em si para explicar o sistema capitalista -, devendo o pesquisador superar as aparências.

Para tal, analisar de forma contextualizada a aparência com a finalidade de captar o que não está aparente é um processo relevante. Quanto à mercadoria, suas aparências mais tangíveis são o uso e a troca. O uso não apresenta variáveis que seja necessário grande análise, pois presume-se que comprar-se uma mercadoria para posterior uso. A troca, porém é um elemento intrigante e mereceu uma observação cuidadosa de Marx, pois como duas mercadorias diferentes podem ser trocadas? Para responder tal questionamento, sem dúvidas deve-se superar o que esta aparente, pois apenas neste espectro não há explicação convincente.

Para esta troca, deve haver alguma equivalência entre as mercadorias. O uso, no passado poderia responder, exemplo: a troca de 1 kg de cereal por um casaco, ambos os produtores necessitam da mercadoria do outro, um para alimentar outro para se aquecer. Porém, atualmente essa simplificação perde poder de explicação. Marx (2006, p. 60) então afirma “se prescindirmos do valor-de-uso da mercadoria, só lhe resta ainda uma propriedade, a de ser produto do trabalho”, desta forma, a equivalência entre mercadorias ocorre por ambas serem resultado do trabalho humano, de uma quantidade de trabalhoⁱ, assim podem ser trocadas.

Este trabalho humano, a força de trabalho, também é uma mercadoria, pois qualquer indivíduo pode vendê-la a um proprietário rural, instituição, empresa, enfim. Esta relação é tipicamente do sistema capitalista, anteriormente – em especial no período escravocrata – não se comprava a força de trabalho do indivíduo, mas sim o indivíduo era a mercadoria. Assim, atualmente o trabalhador é livre para vender sua força de trabalho a quem quiser, porém tem de produzir uma mercadoria definida pelo empregador, sendo este quem o controla, ou seja, o indivíduo é livre e ao mesmo tempo não é, uma contradiçãoⁱⁱ.

A forma de equivalência geral das mercadorias é o dinheiro, sobre qual é impossível transcrever a quantidade de produtos – e serviços, considerando que a força de trabalho é uma

mercadoria – pode-se comprar com ele. Estas mercadorias trocáveis pelo dinheiro, como já referido, não possuem nada em comum, a menos por serem trocáveis, e são trocáveis, pois incorporam trabalho. Ou seja, por mais anti-senso-comum que pareça, o dinheiro não compra as aparências das mercadorias – suas diferenças – mas sim as semelhanças – o trabalho. Há de ir além das aparências para compreender esta relação intrínseca no sistema capitalista.

Dialética

O método dialético do qual Marx fez uso em suas obras, foi em grande parte influenciado por Georg Hegel (1770 – 1831) filósofo idealista. Ambos, apesar de contrários quanto à corrente filosófica, concordavam no que tange a dialética, afirmando este ser uma forma de expressar a realidade, em que deve-se se expor as contradições – na obra de Marx, ele as faz com referência ao sistema capitalista – e não escondê-las a fim de simplificar a realidade. Deve-se buscar o entendimento do mesmo problema de diversos ângulos – pode-se usar o exemplo da mercadoria, onde não ficou-se na simples aparências, procurou-se as não-aparências, assim como investiga-las e transparecer suas contradições.

Prado Jr. (1979) afirma que a dialética apresenta dois sentidos. O primeiro refere-se ao comportamento geral da natureza no que mais a caracteriza, sua capacidade de mutabilidade e transformação aparente. Apesar de esta pesquisa tratar de algumas concepções dessa proposta de dialética, sobretudo as transformações recorrentes nas feições sociais, é o segundo sentido que iremos nos prender.

O outro sentido atrelado a dialética é como método lógico, ou seja, a forma de considerar os fatos da natureza, a posição e ângulos que deve-se colocar os pensamentos frente a eles. Nesse sentido, o autor supracitado dialoga com Stalin em ‘História do Partido Comunista da U.R.S.S’ e descreve quatro aspectos – dentre os quais descreveremos três devido a sua relevância para este projeto - da dialética ao perceber os fatos naturais: a) a dialética olha para a natureza não considerando fatos isolados e independentes um dos outros, mas sim de forma holística, inter-relacionada, em que objetos e fenômenos possuem ligação e são dependentes e independentes um dos outros ao mesmo tempo, porém seus movimentos são condicionantes reciprocamente; b) a dialética percebe a natureza e sua grande capacidade de mudança, não estando em repouso e imóvel, havendo constantemente algo que nasce e se desenvolve ao passo que algo se desagrega e desaparece; e c) a dialética parte da percepção da contradição dos objetos e fenômenos, da luta entre contrários, do antigo e do novo, do processo de desenvolvimento e conversão das mudanças quantitativas em qualitativas.

Em suma, os traços apontados por Stalin são as principais normas de análise da pesquisa de fatos da natureza a partir do método dialético. Cabe destacar alguns exemplos da utilização do método dialético em análises sociais para assim aproximar com a temática desta pesquisa.

Furtado (1964) apresentando e discutindo o método dialético, afirma que da abordagem de Hegel da interdependência das distintas instituições em um determinado período, em que mudanças em uma delas acarretariam transformações em todas as demais, deriva-se a concepção totalizante da história.

Dessa percepção, Marx, e por vezes Marx e Engels, propuseram algumas das suas principais contribuições para a ciência social em si e para aplicabilidade do método dialético.

Foi do esforço em identificar forças primárias que provocam uma grande cadeia de reações no processo de desenvolvimento histórico que Marx construiu, segundo Furtado (1964, p. 16) “o primeiro modelo explicativo da mudança social, dando a dialética uma extraordinária eficácia no estudo dos processos históricos”. O modelo que o autor refere-se é a estrutura e superestrutura, sendo o mais simples de todas as propostas dialéticas, abrangendo a realidade social em duas partes, realizada novamente por Marx ao dividir a sociedade em duas classes.

Na busca por caracterizar e analisar estas duas classes, o proletariado e a burguesia, fazendo uso da dialética, Marx propõe uma identidade não “em si”, mas em função uma da outra, em que a identidade opera em função da identidade capitalista.

Dessas hipóteses simplificadas apresentadas por Marx, de agrupamento em estrutura e superestrutura, e burguesia e proletariado, apesar de terem grande relevância para o estudo da dinâmica social, Furtado (1964) afirma que deve-se perceber que é escasso tal grau de generalização como instrumento para orientar um modelo analítico. Deve-se, portanto, o pesquisador propor alternativas que consideram a proposta metodológica, porém superar a prática realizada, inserindo outras variáveis que originariam modelos mais complexos e completos de acordo com o objeto analisado.

Ao realizar a análise do sistema capitalista, Marx (1987 b, p. 35) em ‘Manifesto do partido comunista’ exhibe amplamente a relação entre a burguesia e proletariado assim como a luta entre as duas classes. Para exemplificar a dialética dentro de suas obras, consideraremos os seguintes fragmentos “Massas de operários, amontoados na fábrica, são organizados militarmente (...) são a cada dia e a cada hora escravos da máquina, do contramestre e, sobretudo, do dono da fábrica” ainda na mesma página “quanto menos o trabalho exige habilidade e força, ou seja, quanto mais a indústria moderna progride, tanto mais o trabalho dos homens é suplantado pelos das mulheres e crianças”.

Nestes dois fragmentos do texto de Marx – que se complementam – podemos observar à dialética fortemente presente manifestando duas contradições do sistema capitalista. A primeira - já mencionada no tópico anterior - refere-se ao empregado livre, dono de sua força de trabalho para vendê-la a sua escolha, que, na verdade além de sofrer nas fábricas com o regime que Marx chama de militares, devido à disciplina forçada hierarquicamente, ainda são escravos – mas não são livres? – da máquina e do dono da fábrica que comanda o que, como e quanto produzir.

A outra refere-se ao igualitarismo que o sistema promove. O trabalhador, com auxílio da máquina, deixa de ser um agente ativo na produção – ao menos comparando com o período anterior a tais técnicas – para ser, como o próprio Marx denomina, um agente passivo, sem a necessidade de empregar grande quantidade de força física e também habilidade. Diante disto, nenhuma diferença há entre certa etapa do processo fabril ser manipulado por homem, mulher ou até crianças. Considerando o momento em que esta revolução igualitária ocorre, onde o papel da mulher no mercado de trabalho era insignificante ou até banido, esta possibilidade trouxe grande revolução e até entusiasmo para a burguesia, já que poderiam pagar menores salários para as duas novas forças de trabalhos que se abriram. Entretanto, este processo que igualiza a sociedade em uma face, segrega em outra. A única segregação que se faz na sociedade capitalista é quem possui poder de compra e quem não possui. E esta dialética, de igualizar em uma face e diferenciar em outra, não é resolvida pelo sistema capitalistaⁱⁱⁱ.

Seguindo com a proposta dialética de Marx, em expor as contradições, outros exemplos pode-se mencionar, inclusive tomando por base algumas premissas do próprio autor. Marx e Engels (1987 b) abordam a divisão do trabalho, assim como a separação entre cidade e campo. Esta dialética entre cidade e campo expõe claramente as contradições do sistema capitalista. Inicialmente, o campo era o produtor – essencialmente de alimentos e artesanato – e a cidade consumidora dos produtos advindos dele. Contudo, com o advento da industrialização e urbanização a cidade deixa de ser mera consumidora, mas também é produtora, e mais, percebeu no campo um grande mercado consumidor de seus produtos, em especial maquinários agrícolas, sementes modificadas, químicos, enfim^{iv}.

Outra dialética que fortaleceu-se nos períodos recentes do sistema capitalista é a relação local/global. Deste as grandes navegações há relações de trocas entre locais distantes um dos outros, porém com a maior produção possibilitada com a Revolução Industrial, muita produção não pudera ser absorvida apenas pelo local, assim a exportação para outros transformou fortemente as relações de mercado e é produto de pesquisa até os dias atuais.

Em períodos de ascensão liberal no mundo, especialmente após a década de 1970 nos Estados Unidos e Inglaterra, atingindo maior força no Brasil a partir de 1990, a interligação direta entre as escalas global e local tornou-se ainda mais acentuada em virtude da desestruturação dos estados nacionais. Nesse momento, Santos (1996) em sua rica e extensa obra, que é analisada a partir do seu método nesse artigo, percebeu e analisou justamente o advento dos processos mais

recentes da globalização, as novas relações centro-periferia e as implicações locais, portanto territoriais, das relações verticalizadas impostas pelas formas produtivas difundidas e a emergência de uma ação horizontalizada como resposta ao movimento homogêneo.

Novas ferramentas devem dar conta de perceber as relações dialéticas entre as imposições globais e as manifestações locais que ocorrem com o advento da etapa mais recente de globalização. A dialética das relações global/territorial existentes atualmente estabelece a necessidade da consideração de uma correlação entre os processos globais e territoriais.

Atrair os preceitos globais que interagem com o território traz a tona uma contradição. Evidencia-se, como anteriormente citado, a reabertura de espaço para logics comunitárias, em que movimentos de base territorial ressurgem no mundo, seja de agricultores, de desabrigados por grandes obras urbanas ou de barragens, luta por maior poder local, enfim. Esse fato expõe claramente a contradição da globalização que é analisada por Santos (1997)

A dialética portanto, norteou o pensamento de Marx. Através deste método conseguiu explorar as nuances do capitalismo e com propriedade impar trazer a tona as suas contradições que vão muito além das aparências do sistema, propondo uma transformação das mudanças quantitativas em qualitativas gradualmente. Esta forma de abordagem sem dúvida ainda é uma grande ferramenta de investigação, visto que é utilizada por inúmeros pesquisadores a fim de explorar de forma mais profunda e ampla o seus problemas de pesquisa, fazendo inter-relações neles mesmos, com a realidade material e histórica, as quais Marx também propôs uma observação relevante.

O Materialismo marxista

O materialismo qual Marx propõe, em grande parte sofre influência do idealismo de Hegel. Influência esta não por pressuposto, mas contraposto, pois segundo ele não há como explicar as relações sociais, materiais, no plano da ideia, do pensamento. Uma passagem, presente na obra de Marx, que deixa muito clara a sua percepção sobre o materialismo como forma de explicação é – Marx (2003, p. 5) – “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência”, em outras palavras, a realidade social em que o indivíduo esta inserido rege sua forma de pensar, e não o inverso. Outro fragmento que retrata este pensamento esta em Marx e Engels (1987 a, p. 36) que afirma “o representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material”.

Diante disto, uma pesquisa baseada no materialismo de Marx sem dúvida terá de conter uma análise da realidade em qual o fenômeno esta ocorrendo, com a perspectiva de compreender a causa da sua ocorrência. Não há, de acordo com Marx e Engels (1987 a), como explicar um determinado comportamento ou prática social a partir das ideias, mas sim como relacionar as formações ideológicas tomando por base as práticas materiais.

Ainda segundo Marx e Engels (1987 a, p. 31 e 32), percebe-se a importância da conotação material atribuída pelos autores na explicação da realidade social ao realizar uma crítica a Feuerbach, filósofo alemão:

(...) esse último trabalhar e criar sensíveis, essa produção, a base de todo o mundo sensível, tal como ele existe agora, que, se ela fosse interrompida mesmo por uma não apenas, Feuerbach não só encontraria uma enorme mudança no mundo natural, como também sentiria falta de todo o mundo dos homens e de seu próprio dom contemplativo, e até mesmo de sua própria existência. (...) é certo que Feuerbach tem em relação aos materialistas ‘puros’ a grande vantagem de que ele compreende que o homem é também ‘objeto sensível’; mas, fora o fato de que ele apreende o homem apenas como ‘objeto sensível’ e não como ‘atividade sensível’ – pois se detém ainda no plano da teoria -, e não concebe os homens em sua conexão social dada, em suas condições de vida existentes, que fizeram deles o que eles são, ele não chega nunca até os homens ativos, realmente existentes, mas permanece na abstração ‘o homem’ e não vai além de reconhecer no plano sentimental o ‘homem real, individual e corporal’, isto é, não conhece quaisquer outras ‘relações humanas’ ‘do homem com o homem’ que não sejam as do amor e da amizade, e ainda assim idealizadas.

Estas contundentes críticas dos autores a percepção idealista de Feuerbach sobre a relação do homem com a natureza explicita o caráter materialista presente nas concepções dos autores. Marx não nega a importância da consideração do ser sensível, entretanto, limitar-se a análise das relações sociais e naturais apenas a este espectro ofusca a compreensão das interações do indivíduo e seu ser social e produtivo, ao passo que homens amontoados em fábricas – leitura explicativa da Inglaterra do século XIX, porém ainda existentes em partes do mundo – em leituras idealistas recaem justamente onde o materialismo percebe a condição de transformação do ser social a partir da sua condição produtiva.

Continuando a fazer uso da proposta de Marx, em analisar o sistema capitalista, podemos exemplificar a questão material da seguinte forma: para compreender a dinâmica deste sistema não há como partir das ideias, de como as classes comportam-se tal processo, mas sim do material, da mercadoria, do dinheiro, modo de produção, enfim. Desta forma compreendendo as relações existentes entre os materiais, será possível analisar os processos ideológicos dentro de um sistema baseado em luta de classes e com forte influência dos meios produtivos.

A perspectiva histórica de Marx

Cabe destacar a pertinência da perspectiva histórica na abordagem dialética, uma vez que o método propõe a percepção natural/social não de forma a isolar fatos naturais/sociais, assim como abrangem seu contínuo processo mutável e a contradição entre o novo que surge e o antigo que desagrega-se/desaparece.

Furtado (1964, p. 15) destaca a importância de compreensão do processo histórico na dialética, pois essa:

[...] deriva exatamente do fato de que a história, ao nível dos conhecimentos presentes do homem, não pode ser reconstituída a partir da análise isolada da multiplicidade de fatos que a integram. (...) Assim, o homem intui do processo histórico aquela visão sintética capaz de dar unidade à multiplicidade (...) se pode falar de dialética como instrumento de compreensão dos processos históricos.

Novamente cita-se a obra de Marx e Engels para perceber a importância da historicidade para a explicação dos fenômenos a partir da dialética. Torna-se clara essa concepção na seguinte citação de Marx e Engels (1987, p. 38), em que:

Parte de pressupostos reais e não os abandona um só instante. Estes pressupostos são os homens, não em qualquer fixação ou isolamento fantástico, mas em seu processo de desenvolvimento real, em condições determinadas, empiricamente visíveis (...) a história deixa de ser uma coleção de fatos mortos.

A abstração da história de um pressuposto deixa uma análise isolada – fatos mortos -, sem uma base da qual é imprescindível o pesquisador ter clareza, e como alicerce, para avançar sua pesquisa em uma ordem cronológica coerente e intercalando fatos históricos com os materiais, de forma dialética com a perspectiva de encontrar uma resposta para o problema.

Em ‘A ideologia Alemã’ que Marx e Engels (1987 a, p. 42) fazem uma crítica a então recente filosofia alemã, o idealismo de esquerda de Feuerbach, Bauer e Stirner, que buscava explicações essencialmente no plano do pensamento, os autores deixam claro a sua consideração pela história dentro da análise da realidade:

a ‘história da humanidade’ deve sempre ser estudada e elaborada em conexão com a história das indústrias e das trocas. Mas é claro também que é impossível escrever tal história na Alemanha, pois (...) além do Reno não se pode ter nenhuma experiência sobre estas coisas, pois ali já não corre história alguma.

Os autores referem-se que para exposição da realidade deve-se considerar não só o homem e suas relações com o material, mas também a história de ambos, ou seja, a evolução do homem sobre determinado foco, assim como o processo evolutivo dos meios de produção. Ainda deixam claro sua crítica aos pensadores alemães, que levaram ao extremo o idealismo de Hegel, ao desconsiderar o material e a história na tentativa de explicação da realidade.

Esta ênfase à história, Marx e Engels ainda explicitam ainda mais no decorrer da obra 'A ideologia Alemã', quando citam os grandes saltos históricos e o caráter nacionalista da tentativa de historicismo dos filósofos alemães - Feuerbach, Bauer e Stirner -, pois ignoram grande parte dos processos práticos, considerando apenas as representações alemãs, desconhecendo o caráter histórico das outras nações e as influências que causaram na realidade da Alemanha.

A história, dentro do método marxista assume grande importância, porém de nada serve sem uma relação com o material, com as relações sociais, da mesma forma o contrário, pouco acrescenta uma análise das relações materiais da sociedade desconsiderando a história, ou seja, a soma de ambas é o cerne do método de abordagem marxista, o materialismo histórico.

Materialismo Histórico

A essência da metodologia marxista esta no materialismo histórico – concepção genuinamente originária dos pensamentos de Marx e Engels. Foi por intermédio das considerações da evolução do processo histórico atrelado aos processos de produção e a luta de classes que Marx buscou explicitar o sistema capitalista além das aparências e suas contradições.

Marx e Engels (1987 a, p. 67) colocam essa relação dialética do material e do histórico ao criticar Feuerbach:

Ele não percebe que o mundo sensível que o envolve não é algo dado imediatamente por toda a eternidade, uma coisa sempre igual a si mesma, mas sim o produto da indústria e do estado da sociedade; isto, na verdade, no sentido de que é um produto histórico, o resultado da atividade de toda uma série de gerações.

A constatação a se fazer do fragmento referem-se ao mundo sensível, o qual não é dado e imutável, ao contrário, sofreu – e ainda sofre – mudanças com o decorrer da história e em especial com a influência dos meios de produção, do estado e por consequência da sociedade, ou seja, a realidade não é aistórica, possui fortes influências de como decorreu o processo de transformação da sociedade em diversas gerações.

Voltando ao exemplo usado no tópico *dialética*, uma pesquisa relacionada a dinâmica entre o campo e a cidade, numa perspectiva do materialismo histórico terá de preocupar-se com a formação histórica de ambas áreas de análise com a finalidade de criar um 'plano de fundo' para as questões que pretende-se ser analisadas – êxodo rural, por exemplo. Da mesma forma, a questão material pode ser contemplada considerando as condições de troca, meios de produção encontrados em cada meio, a defasagem dos mesmos, novos métodos de produção, enfim. Marx e Engels (1987 a, p. 70), contemplam essa percepção ao afirmarem:

A história nada mais é do que a sucessão de diferentes gerações, cada uma das quais explora os materiais, os capitais e as forças de produção a ela transmitidas pelas gerações anteriores; ou seja, de um lado, prossegue em condições completamente diferentes a atividade precedente, enquanto, de outro lado, modifica as circunstâncias anteriores através de uma atividade totalmente diversa.

Nesta visão metodológica admite que a análise da realidade deve partir das estruturas que ligam a sociedade, os meios de produção. Não há como desconectar a compreensão da realidade com o meio em que decorre, pois os indivíduos, atores desta sociedade sofrem influência direta e indireta do espaço em qual esta alocada e em especial do modelo vigente. Para o aprofundamento da compreensão dos fatos, deve-se buscar, dentro do pensamento metodológico de Marx, as raízes históricas da formação de tal sociedade, já que uma geração marca a forma de produção da próxima

e muitas vezes entram em conflito com novos métodos produtivos incorporados com origem exógena.

Diante da grande gama de possibilidades que o método de abordagem marxista oferece, não apenas para política, história e economia, diversos campos de pesquisa fazem uso deste em suas análises, em especial as que apresentam abordagens dialéticas e necessitam de um método capaz de abranger a complexidade das relações sociais existentes no espaço assim como o escopo de elementos que influem nele. Entre estas áreas esta a Geografia, ciência que busca expor o espaço geográfico e as inúmeras relações interdependentes da sociedade. Para apresentar a influencia do materialismo histórico nesta disciplina, fez-se uso de dois importantes autores: George Benko e Milton Santos.

Materialismo histórico e a dialética: a influência no pensamento de George Benko e Milton Santos

George Benko (1953 – 2009), economista francês que doutorou-se em Geografia, foi professor da Universidade de Paris e centrou suas pesquisas especialmente dentro da Geografia Econômica contemplando as relações espaciais e os meios produtivos no território. Foi colega de pesquisas de Milton Santos (1926 – 2001), geógrafo brasileiro com inúmeras publicações e prêmios em todo o mundo devido a sua contribuição na reflexão do espaço, território e a influencia da globalização nos espaços locais assim como sua evolução na história expondo as transformações causadas.

No livro ‘Economia espaço e globalização: na aurora do século XXI’, Benko (1999, p. 50) deixa claro a sua abordagem marxista ao afirmar, no capítulo segundo, as relações do mundo global com a região e o local, refletindo que:

a abordagem global define as regiões por suas posições numa estrutura mais vasta. A região (e suas características) é o produto do inter-regionalismo. Por exemplo, essa abordagem exprime-se frequentemente em relações entre o ‘centro’ e a ‘periferia’.

Esta concepção tem grande diálogo com o materialismo histórico, uma vez que afirma a dialética global/regional tendo uma influenciando outra, forjando as características regionais, em outras palavras, não há como desconsiderar a interferência do mundo globalizado e sua incidência na região, sendo que, havendo esta negação, não se conseguirá contemplar as inúmeras ações que influem em um fenômeno e por extensão não será possível – dentro deste método – abranger o problema.

Nessa mesma perspectiva o autor (1999, p. 70) trata da industrialização e da economia global a partir de concepções dualistas de desenvolvimento regional econômico em que se distanciam e se aproximam os espaços, afirmando que “de um lado, a economia global pode ser vista como um mosaico de sistemas de produção regionais especializados (...) de outro, o mesmo mosaico se insere no entrelace planetário de ligações interindustriais”. A dialética presente na análise de Benko é clara ao passo que a economia global fragmenta o território – divisão territorial do trabalho - a fim de organizá-lo para buscar melhores condições de reprodução do capital, o aproxima por intermédio de fluxos existentes entre estas empresas que muitas vezes se complementam e encontram-se separados geograficamente por milhares de quilômetros.

Numa perspectiva próxima, Santos (1997, p. 28) relaciona as questões regionais com globais ressaltando a importância da região para o capital global, pois neste ele se materializa e reproduz-se à medida que instala-se em locais com maior possibilidade de maximização dos retornos econômicos, ou seja, “cada ponto do espaço torna-se então importante, efetivamente ou potencialmente. Sua importância decorre de suas próprias virtudes, naturais ou sociais, preexistentes ou adquiridas segundo intervenções seletivas”. Ao afirmar que a importância de uma região – na concepção do grande capital – ocorre pelas condições naturais ou sociais que apresenta, a abordagem materialista histórica torna-se latente, pois nesta concepção, para explicar as condições sociais – e naturais também – fazer uso da história é imprescindível, assim como sua formação por intermédio das relações de trabalho e métodos produtivos.

Exposta fica a influência marxista no pensamento de Milton Santos justamente em sua obra que trata sobre método de análise espacial. Nesta, Santos (1985, p. 49) relata que “A sociedade só pode ser definida através do espaço, já que o espaço é o resultado da produção, uma decorrência de sua história – mais precisamente, da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade.”. Considerando os escritos de Marx, o geógrafo brasileiro utiliza-se de uma abordagem muito próxima, contudo acrescenta relevantemente a questão do espaço, conceito de análise da geografia, a qual é objeto de reflexão de Santos ao longo de inúmeras de suas marcantes obras.

Utilizando-se de outro autor, Milton Santos confirma a importância que atribui a história e em especial a dialética, pois afirma que uma mudança não repercute apenas no local onde esta é realizada – em especial hoje com fluxo de informações e pessoas não intenso – mas pode também repercutir em longas distâncias. Whitehead apud Santos (1999, p. 129) “o evento deve exatamente à preeminência dos seus dois níveis de existência: o global e o local. (...) nenhum acontecimento pode ser sozinho, nem completamente, a causa de outro evento”.

Na obra em que Santos (1996, p. 167) aborda a história do pensamento geográfico, e em especial a transição de uma ciência em crise para uma geografia crítica, interessada em responder questões atuais e as relações sociais e econômicas do pós II Guerra, um fragmento deixa nítida a importância do materialismo histórico e dialético em tal momento da ciência:

O espaço total e o espaço local são aspectos de uma única e mesma realidade – a realidade total – à imagem do universal e dos particulares. A sociedade global e o espaço global se transformam através do tempo, num movimento que, embora interessado igualmente as diversas frações da sociedade e do espaço, é resultado da interação entre sociedade global e espaço global e de suas diversas frações.

Após a 2ª Guerra Mundial, mais precisamente na década de 70, o meio técnico científico informacional se propagou pela superfície terrestre. Segundo Santos (1998, p. 20) este meio corresponde ao “espaço que detém ciência, tecnologia e informação em seu território”. O espaço geográfico diante à globalização (nova fase da humanidade) é global, marcado por um sistema técnico universal e pela instantaneidade das informações. Os sistemas técnicos possuíam características diferentes, mas foram se unificando ao longo do tempo, até se tornarem um único sistema universal. Tal fenômeno foi acelerado pelo sistema capitalista.

Conforme Santos em sua ontológica obra “A Natureza do Espaço” publicada originalmente em 1996, os objetos (resultantes da natureza tecnicada pelo homem) que compõem o sistema técnico universal são praticamente os mesmos utilizados nos dois hemisférios terrestres, já que as suas atuações não se limitam aos seus locais de criação, pois tendem a se reproduzirem e difundirem em outros objetos semelhantes, atualmente em escala global. De acordo com Santos (1998, p. 61) a mais valia, termo elaborado por Karl Marx que corresponde à diferença entre o valor final da mercadoria produzida e o valor dos meios de produção e do trabalho, dos objetos é universalizada por meio de acordos realizados entre as grandes firmas, detentoras de um elevado nível de poder, e os bancos internacionais.

Os elevados custos desses objetos dificultam o acesso, principalmente dos indivíduos não abastados economicamente. Segundo Leila Dias (2005), uma parcela considerável das populações residentes nos espaços geográficos vive com uma renda mensal de um salário mínimo, estorvando ainda mais a obtenção dos objetos, que em inúmeros casos são meios de tecnologia e informação.

As sociedades globais são conectadas por redes, porém de acordo com o geógrafo suíço, Claude Raffestin (1993) estas redes, instrumentos de poder, não só conectam como também excluem, já que estão a serviço do capital internacional. Tal exclusão, muitas vezes associadas à falta de acesso à tecnologia e a informação acaba gerando desterritorialização acarretando amontoados humanos, também denominados de aglomerados de exclusão.

Segundo Haesbaert (2005), mesmo sabendo que os fenômenos da desterritorialização e a reterritorialização estão presentes na produção do espaço geográfico, ambos são mais evidentes nos arranjos caracterizados por uma modernização avassaladora, onde é possível encontrar estradas em

linhas retas, quadriláteros de loteamentos, conjuntos habitacionais padronizados, ou seja, espaços cada vez mais geométricos, perdendo paulatinamente sua identidade histórica e cultural.

Analisando um respectivo espaço geográfico, sobretudo as grandes cidades dos países periféricos, é possível observar uma segregação social e econômica. Os indivíduos que possuem profissões valorizadas habitam as melhores porções do espaço, assim como as grandes empresas, que conforme Santos (1998) instalam os seus complexos de engenharia nos locais em que os serviços oferecidos pelo Estado são satisfatórios. Porém, as pessoas que possuem empregos desvalorizados, e que conseqüentemente não obtêm uma quantia “adequada” de capital, acabam sendo marginalizadas, ocupando as áreas mais precárias do espaço, muitas vezes consideradas locais de riscos, por se localizar em várzeas, encostas e nas demais áreas onde os serviços prestados pelo Estado são insatisfatórios.

Segundo Santos (1998), mesmo sabendo que o meio técnico científico informacional está presente em todos os locais do arranjo, a sua densidade é heterogênea no espaço. Segundo Bernardes (2005), o espaço deve criar mecanismo para se adaptar à incorporação tecnológica, evitando desigualdades. As porções do arranjo em que residem os detentores do capital, assim como os locais onde as grandes empresas estão instaladas são vistas por Santos (1998) como pontos luminosos, pois o meio técnico científico informacional se propaga em maior densidade e também são denominadas de espaços do mandar, pois exercem influência sobre as demais áreas do arranjo, os pontos opacos, também cognominados como espaços do obedecer.

É possível perceber analisando através de uma abordagem marxista por meio das contribuições de Milton Santos e de demais geógrafos aderentes ao materialismo histórico dialético, que a configuração do espaço geográfico tem uma íntima relação com a divisão do trabalho e com o acúmulo do capital. Dessa forma, podemos corroborar com Gomes (2005, p. 65) ao alegar que o “espaço é subdividido devido à divisão do trabalho e ao acúmulo do capital, que distingue os possuidores dos despossuídos”. Ademais dessa observação, é presente em conceitos trazidos pelos autores à valorização da construção histórica, uma vez que, mesmo interligando-se preceitos exógenos aos locais, suas peculiaridades, sejam elas naturais, mas, sobretudo, históricas – culturais, produtivas, enfim – tecem o território de maneira impar, especialmente ao vincular-se a concepções globais, reagindo de diferentes maneiras tanto são os locais.

Portanto, as abordagens marxistas quanto à metodologia estão intrinsecamente contidos nas obras de ambos os autores, os quais buscam a análise da realidade considerando as condições históricas de formação territorial, a influência das técnicas produtivas em diversos aspectos, sem dúvida superam as aparências que a globalização impõe de homogeneização cultural e social e ainda propõem enfoques que consideram a dialética global/local e sua repercussão na transformação do espaço.

Conclusão

Considerar o quanto a perspectiva metodológica que Marx acrescentou na evolução da ciência – em diversas áreas do conhecimento – é desnecessário, pois a partir deste, mesmo os que não concordavam com sua crítica ao sistema capitalista, ou ainda com seu método de abordagem, o fez – em certos casos – com propriedade e acrescentou na discussão científica outros métodos utilizados atualmente e de grande relevância. Quanto aos que seguiram e seguem seu ponto de vista mesmo em momentos adversos da realidade econômica e social do mundo para defender as premissas de Marx, fica a ressalva da grande contribuição para interpretação das ideias do autor e expectativa socioeconômica distinta da instaurada desde o tempo do pensador alemão.

O materialismo histórico e dialético de Marx atualmente não apenas serve para busca de explicações para fenômenos num contexto de transformação das relações interestelares, especialmente no períodos de ascensão neoliberal e interligação local/global sem grandes regulações. O método de abordagem aqui brevemente analisado, também adverte sobre a importância de não desconsiderar a formação histórica de tais locais/regiões, uma vez que por

intermédio desta, a não simplificação da materialização do capital e dos meios de produção no território ocorrerá de forma a homogeneizar o espaço.

Portanto, a influência de tal pensador na ciência geográfica, em especial nos dois autores analisados, é marcante, pois auxilia a contrapor as condições das relações dialéticas encontradas na sociedade, tanto em escala espacial, como temporal. Ter clareza deste método de abordagem, soma na busca por compreender as razões para propostas trazidas por autores que tem o sistema econômico globalizado como seus objetos de estudo e as suas várias repercussões nas distintas escalas, uma vez que compreende-se as assertivas de forma a superar as primeiras possíveis conclusões, assumindo as aparências, porém buscando o não aparente, justamente como propõe o materialismo histórico e dialético.

Referências

BENKO, G. **Economia espaço e globalização: na aurora do século XXI**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BERNARDES, A. J. **Mudanças Técnicas e Espaço: uma proposta de investigação**. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C. & CORREA, R. L. (org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand, 2005.

DIAS, L. C. **Redes: emergência e organização**. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C. & CORREA, R. L. (org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand, 2005.

FURTADO, Celso. **Dialética do desenvolvimento**. São Paulo: Fundo da Cultura, 1964.

GOMES, P. C. **O Conceito de Região e sua Discussão**. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C. & CORREA, R. L. (org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand, 2005.

HAESBAERT, R. **Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão**. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C. & CORREA, R. L. (org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand, 2005.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 3.ed. São Paulo: Nartins Fontes, 2003.
_____. **O capital: crítica da economia política: livro I**. 23.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1987 a.
_____. **Manifesto do Partido Comunista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Catedra, 1987 b.

PRADO JR, Caio. **Introdução à lógica dialética** – notas introdutórias. 4 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **Metamorfose do Espaço Habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

ⁱ Entende-se, segundo Marx (2006), quantidade de trabalho por “tempo de trabalho requerido para produzir-se um valor-de-uso qualquer, nas condições de produção socialmente normais existentes e com o grau social médio de destreza e intensidade do trabalho” (p. 61), assim – na mesma página – “o que determina a grandeza do valor, portanto, é a quantidade de trabalho socialmente necessária ou o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor-de-uso”.

ⁱⁱ As contradições, típicas do sistema capitalista e muito expostas por Marx por intermédio da dialética, a qual será abordada no tópico “*dialética*”.

ⁱⁱⁱ Apesar de esta contradição poder ser considerada o motor do sistema. O igualitarismo que Marx afirma advir com o sistema capitalista é um igualitarismo radical, causador de inveja em que não possui sobre quem possui, assim originando desejo de almejar o *status* do outro, ou seja, trabalhar mais para consumir mais – sentimentos ideais para mover o sistema.

^{iv} Estes, em grande parte causadores do êxodo rural, sendo que a industrialização transfere a produção para a cidade, transforma o campo em mercado consumidor, insere ferramentas que podem suprimir a necessidade de grande quantidade de mão-de-obra, causam o êxodo rural, e por fim urbanização. De modo genérico: industrialização -> cidade produtora -> campo mercado consumidor -> êxodo rural -> urbanização.